



AUTORA
BEST-SELLER DO
NEW YORK TIMES

ELLE
KENNEDY

The Play

BRIAR U

OS DESENCONTROS DE DEMI E HUNTER

O TERCEIRO SPIN-OFF DA SÉRIE AMORES IMPROVÁVEIS

The Play

ELLE
KENNEDY

BRIAR U

OS DESENCONTROS
DE DEMI E HUNTER

Tradução

JULIANA HOMEM

**PA
RA
L
E**

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

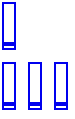
Epílogo

Peça ajuda

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos



*Para Sarah J. Maas, pelo apoio e entusiasmo. E por me lembrar
do motivo por que escrevo.*

HUNTER

Que porcaria de festa.

Devia ter ficado em casa, mas hoje em dia minha “casa” é que nem morar no set de filmagem de um programa das irmãs Kardashian. Graças às minhas três colegas de república, o lugar é um festival de estrogênio.

Tudo bem que tem bastante estrogênio rolando aqui na casa da fraternidade Theta Beta Nu, mas é do tipo pelo qual posso sentir atração. Todas as minhas colegas de república têm namorado, então são território proibido.

Estas mulheres também são território proibido...

Verdade. Por causa de minha autoimposta abstinência, não posso chegar em ninguém, ponto-final.

O que levanta a pergunta: se uma árvore cai numa floresta e você não pode comer ninguém numa festa de fraternidade, dá pra continuar chamando isso de festa?

Pego o copo de plástico que meu amigo e colega de time Matt Anderson acabou de me trazer. “Valeu”, murmuro.

Dou um gole e faço uma careta. A cerveja tem gosto de água, mas talvez isso seja uma coisa positiva. Um bom incentivo para não beber mais que uma. O treino amanhã só começa às dez, mas quero chegar no ginásio umas duas horas mais cedo, para treinar minha tacada.

Depois do desastre da temporada passada, jurei dar prioridade ao hóquei. Na segunda começa um novo semestre, na semana que vem tem o nosso primeiro jogo, e estou animado. A Briar não se classificou para o campeonato nacional no ano passado e a culpa foi minha. Esta temporada vai ser diferente.

“O que achou dela?” Matt aponta discretamente com a cabeça para uma menina bonita de shortinho e camisola rosa clara. Não está de sutiã, e o contorno dos mamilos é bem visível sob o material sedoso.

Minha boca chega a salivar.

Cheguei a falar que é uma festa do pijama? Pois é, faz cinco meses que não transo e estou abrindo o terceiro ano numa festa em que as mulheres presentes não estão vestindo quase nada. Nunca disse que era esperto.

“Gostosa”, digo a Matt. “Vai lá tentar a sorte.”

“Até iria, mas...” Ele deixa escapar um gemido. “Ela tá de olho em você.”

“Bom, eu não estou disponível”, respondo, dando de ombros. “Pode ir lá falar isso pra ela.” Dou um cutucão de brincadeira em seu braço. “Tenho certeza de que ela vai te achar um bom prêmio de consolação.”

“Rá! Nem vem. Não sou segunda opção de ninguém. Se ela não estiver a fim de mim, prefiro arrumar quem esteja. Não preciso competir por atenção de mulher.”

É por isso que gosto de Matt — ele é competitivo no gelo, mas fora dele é um cara decente. Jogo hóquei minha vida inteira, e já tive colegas de time que nem titubeariam antes de roubar a mulher de outro, ou pior, ficariam com ela pelas costas. Já joguei com caras

que tratam nossas torcedoras como se fossem descartáveis, que dividem mulheres com os amigos como se fossem balas. Homens que não têm o menor respeito e o mínimo bom senso.

Mas, na Briar, tenho sorte de jogar com gente de confiança. Claro que nenhum time está livre de um babaca ou outro, mas, no geral, a maioria de meus colegas são sujeitos legais.

“É, acho que não vai ser difícil”, concordo. “A morena aqui à direita já está te pegando em pensamento.”

Assim que encontram a garota curvilínea de camisola branca, seus olhos castanhos se arregalam, satisfeitos. Ela fica vermelha ao notar e então sorri, tímida, erguendo o copo num brinde à distância.

Matt me abandona sem olhar para trás. Não o culpo.

A sala da casa está lotada de meninas de lingerie e garotos com pijamas de Hugh Hefner. Eu não sabia que era uma festa temática, então estou de calça cargo e regata branca, e por mim tudo bem. A maior parte dos caras parece não ter noção do ridículo que é estar vestido assim.

“Gostando da festa?” A música está bem alta, mas não o suficiente para que eu não consiga escutar a garota. Aquela que Matt estava conferindo.

“É. Tem bastante gente.” Dou de ombros. “O DJ é bom.”

Ela se aproxima. “Meu nome é Gina.”

“Hunter.”

“Eu sei quem você é.” E sua voz transborda de compaixão. “Eu estava na arena no jogo contra Harvard, quando aquele idiota quebrou o seu pulso. Não acredito que ele fez aquilo.”

Eu acredito. Peguei a namorada dele.

Mas fico quieto. Não foi de propósito, afinal. Não tinha ideia de quem era a garota quando dormi com ela. Mas, pelo jeito, *ela* sabia quem eu era. Queria se vingar do namorado, mas eu não sabia disso até ele pular em cima de mim no meio do segundo jogo mais importante da temporada, o que determina quem vai para o Frozen Four, esse *sim* o principal da temporada universitária. O pulso quebrado foi o resultado de uma derrubada que me estatelou no gelo. O babaca de Harvard não tinha a intensão de me quebrar, mas aconteceu e, de uma hora para a outra, eu tava fora da partida. E o nosso capitão também, Nate Rhodes, que foi expulso por arrumar briga, tentando me defender.

Tento voltar ao presente. “Foi um péssimo jeito de terminar a temporada”, comento.

Ela leva uma das mãos ao meu bíceps direito. Meus braços estão enormes, diga-se de passagem. Quando você não está pegando ninguém, malhar é fundamental para manter a sanidade.

“Sinto muito”, murmura Gina. Seus dedos deslizam gentilmente por minha pele, enviando uma trilha de calor por meu braço.

Quase solto um gemido alto. Minha nossa, estou com tanto tesão que uma mulher acariciando o meu *braço* está quase me deixando de pau duro.

Eu sei que deveria afastar a mão dela, só que faz tempo demais desde que fui tocado de um jeito que não fosse platônico. Em casa, minhas colegas de república estão o tempo todo me agarrando, mas não tem nada de sexual nisso. Brenda gosta de dar um tapa ou um beliscão em minha bunda toda vez que passamos um pelo outro no corredor, mas não é porque esteja a fim de mim. Só gosta de encher o saco.

“Quer ir para algum lugar mais sossegado e conversar ou coisa do tipo?”, sugere Gina.

Já vivi neste planeta por tempo suficiente para saber o que uma garota quer dizer com “conversar ou coisa do tipo”:

- 1) Não vai ter muita conversa.
- 2) Vai ter muita “coisa do tipo”.

Gina não poderia ter sido mais clara se estivesse carregando um cartaz que dissesse VEM ME PEGAR! Ela chega até a lambear os lábios ao fazer a pergunta.

Eu sei que deveria dizer não, mas a ideia de voltar para casa agora e bater uma no quarto enquanto minhas colegas de república fazem uma maratona de *The Hills* não é muito animadora. Então eu digo “Claro”, e sigo Gina para fora da sala.

Acabamos numa sala menor que contém um sofá, duas estantes de livros e uma mesa sob a janela. Por incrível que pareça, não tem ninguém aqui. Os deuses das festas ficaram com pena do meu celibato e nos presentearam com o tipo de privacidade perigosa que na verdade eu deveria evitar. Em vez disso, estou no sofá, deixando Gina beijar meu pescoço.

Sua camisola de cetim roça o meu braço, e a sensação de quase ausência de fricção é quase pornográfica. Tudo me deixa excitado ultimamente. Outro dia, fiquei de pau duro vendo uma propaganda de tupperware no YouTube porque a tia gostosa da propaganda estava descascando uma banana. E então ela picou a banana e colocou num potinho de plástico, e nem esse simbolismo terrível me impediu de bater uma pra tia da banana. Mais uns meses e vou

estar deflorando as tortas de maçã que minha colega de república Rupi faz todo domingo.

“Você tem um cheiro tão bom.” Gina inspira fundo, então expira, e sua respiração quente faz cócegas em meu pescoço. Seus lábios se colam à minha pele de novo, quentes e úmidos contra o meu pescoço.

Ela está no meu colo, e a sensação é ótima. Suas coxas torneadas me envolvem, seu corpo quente e envolto em cetim é cheio de curvas. E eu tenho que parar agora.

Fiz uma promessa a mim mesmo e ao meu time, embora ninguém tenha me pedido isso e todos me achem louco por sequer tentar esse negócio de abstinência. Matt foi bem claro ao dizer que não acredita que reprimir meus impulsos sexuais vai ajudar em alguma coisa com os nossos jogos. Mas eu acho que vai e, pra mim, é uma questão de princípio. Os caras me escolheram como capitão. Levo a responsabilidade muito a sério, e sei por experiência própria que tenho uma tendência a deixar as mulheres perturbarem a minha cabeça. Sair pegando geral me fez quebrar o pulso no ano passado. Não estou interessado em repetir isso.

“Gina, eu...”

Ela me interrompe, apertando os lábios contra os meus, então estamos nos beijando, e minha mente começa a girar. Ela tem gosto de cerveja e chiclete. E o cabelo, que cai por cima de um dos ombros numa cortina de cachos vermelhos, tem cheiro de maçã. Humm, quero devorar essa menina.

Nossas línguas dançam, e os beijos começam a ficar mais intensos. Minha cabeça continua a girar, com o desejo e a infelicidade lutando dentro de mim. Perdi toda e qualquer habilidade

de pensar direito. Estou tão duro que dói, e Gina só piora as coisas, se esfregando em cima de mim.

Só mais trinta segundos, digo a mim mesmo. Só mais trinta segundos, e eu vou parar.

“Eu te quero tanto.” Seus lábios estão colados ao meu pescoço de novo, e então, *merda*, suas mãos descem por meu corpo. Ela segura o meu pau por cima da roupa, e quase choro de prazer. Faz tanto tempo que uma mão que não seja a minha me toca desse jeito. Parece um crime de tão bom.

“Gina, não”, murmuro, com um gemido, e preciso de toda a força do mundo para afastar sua mão. Meu pau protesta, deixando escapar dentro da cueca as primeiras gotas de prazer.

Seu rosto está corado. Os olhos, enevoados. “Por que não?”

“Estou... dando um tempo com isso.”

“Isso o quê?”

“Sexo.”

“O que tem o sexo?”

“Decidi parar.”

“Parar com o quê?” Ela parece tão confusa quanto estou arrasado.

“Parar com o sexo”, explico, triste. “Tipo, decidi parar de transar por um tempo.”

Ela franze a testa. “Mas... por quê?”

“É uma longa história.” Faço uma pausa. “Na verdade, não tem nada de longa. Quero me concentrar no hóquei esse ano, e o sexo é uma distração grande demais. Só isso.”

Ela fica em silêncio por ainda mais tempo. Então toca meu rosto e desliza o dedão por minha barba por fazer. Lambe os lábios, e

quase gozo nas calças.

“Se está preocupado que vou querer algo mais, nem esquenta. Só estou a fim de um lance casual. Minha grade na faculdade está uma loucura este semestre, e também não tenho tempo para relacionamento sério.”

“Não é uma questão de ter ou não um relacionamento”, tento explicar. “É o sexo em geral mesmo. Se eu faço uma vez, quero ficar fazendo de novo e de novo. Isso me distrai e...”

Ela me interrompe de novo. “Tá legal, nada de sexo. Então vou só te chupar.”

Quase engasgo com a língua. “Gina...”

“Não esquenta, eu gozo enquanto estiver fazendo. Fico louca de tesão.”

Isto é tortura.

Pura tortura.

Vou dizer uma coisa, será que os militares estão precisando de ideias sobre como dobrar alguém? É só entregar a eles um universitário excitado, jogar uma gostosa no colo dele dizendo que só quer um lance casual e oferecer um boquete porque fica *louca de tesão* com isso.

“Desculpa”, consigo murmurar. Então realizo o feito ainda mais difícil de tirá-la do meu colo e ficar de pé. “Não estou com a cabeça boa pra... nada disso.”

Ela continua sentada, a cabeça reclinada para trás, para me encarar. Seus olhos estão arregalados de incredulidade e um quê de... acho que é *compaixão*. Pelo amor de Deus. Agora sou digno de pena por causa do meu celibato.

“Desculpa”, repito. “E, pra deixar tudo bem claro, sei que estou com a garota mais bonita da festa, e minha decisão não tem nada a ver com você. Fiz uma promessa pra mim mesmo em abril e quero manter.”

Gina morde o lábio inferior. Então, para minha surpresa, sua expressão adquire ares de admiração. “Não vou mentir”, ela diz, “mas tô meio impressionada. Poucos caras conseguiriam manter a palavra com alguém como eu.”

“Poucos caras são tão burros quanto eu.”

Sorrindo, ela fica de pé. “Bem, te vejo por aí, Hunter. Gostaria de dizer que vou esperar por você, mas as garotas têm suas necessidades. E tá na cara que as minhas não combinam com as suas.”

Com uma risada, ela deixa a sala, e vejo seu quadril rebolando a cada passo.

Passo ambas as mãos pelos cabelos e então abafa um gemido contra a palma da mão. Não sei se devia me orgulhar de mim ou arrebentar minha própria cara por causa dessa opção ridícula que resolvi fazer.

Em geral, até que tem, *sim*, me ajudado a me concentrar no hóquei. Desconto toda a minha frustração sexual no gelo. Estou mais rápido e mais forte do que na temporada passada, e tem quase um desespero em cada tacada que mando pra rede. Acerto o alvo quase como se em tributo ao sofrimento do meu pau. Um reconhecimento que o sacrifício precisa ser honrado.

É só até o final da temporada, tento me acalmar. Só mais sete meses e, quando chegar ao final, vou ter completado um ano de

celibato. E aí, vou me presentear com um verão inteiro de sexo. Um verão do sexo.

Um verão interminável de sexo selvagem...

Ai, meu Deus. Estou cansado da minha própria mão. Tudo bem que não me ajuda em nada fazer essas coisas idiotas, tipo me entregar à tentação com garotas gostosas de fraternidade.

Pela primeira vez em muito tempo, estou doido para as aulas começarem. Com sorte, vou estar tão ocupado neste semestre que vou me afogar nos estudos. Trabalhos da faculdade, tempo extra de gelo, treino e jogos — é só nisso que vou me concentrar. E nada de festas de fraternidade.

Evitar a tentação é o único jeito de manter o foco no hóquei e o pau dentro das calças.

2

DEMI

“Passa o trinco”, digo ao meu namorado Nico quando ele encosta a porta do quarto atrás da gente. Só porque a festa de hoje é na minha fraternidade não significa que meu quarto esteja aberto ao público. Na última vez em que demos uma festa e esqueci de trancar a porta, voltei pra pegar um casaco e dei de cara com uma sessão de sexo a três. Um dos dois homens tinha até cometido a barbaridade de usar Fernando, meu panda de pelúcia de um olho só, como travesseiro embaixo da bunda da menina. Sabe como é, né, para facilitar a dupla penetração que estava prestes a começar.

Isso nunca mais vai acontecer, Fernando, prometo em silêncio a meu amigo de infância enquanto o coloco sobre a mesa de cabeceira para abrir espaço pro meu namorado.

Nico cai de costas na cama, cobre o rosto com o braço e solta um suspiro cansado. Ele perdeu a festa porque precisava trabalhar, mas fico feliz que tenha se dado o trabalho de vir pra cá depois do expediente, em vez de ir pro quarto e sala em que mora de aluguel em Hastings. A cidadezinha fica a dez minutos de carro do campus da Briar, então não é tão longe. Mas sei que teria sido mais fácil ir direto pra casa e dormir.

“Cansado?”, pergunto baixinho, com pena dele.

“Morto”, é sua resposta abafada. Ele está cobrindo os olhos com o antebraço, o que me dá a oportunidade de admirar seu corpo sem

ouvir gracinhas por isso.

Nico tem o porte alto, magro e atlético típico de um jogador de basquete. Embora jogasse de armador no ensino médio, não conseguiu bolsa de atleta em nenhuma faculdade e nunca foi bom o suficiente para entrar na NBA. Acho que ele não liga. O basquete era só uma diversão com os amigos de colégio; o que ele ama de verdade são os carros. Mas, embora não pratique esporte hoje em dia, ainda está em ótima forma. Faz muito exercício levantando caixas e móveis na empresa de mudanças em que trabalha.

“Pobrezinho”, murmuro. “Deixa eu cuidar disso.”

Sorrindo, começo por seus pés e vou subindo. Tiro o tênis, abro o cinto e deslizo sua calça pelas pernas. Ele se senta para me ajudar com o moletom e depois desaba na cama de novo. Agora está de peito nu, só de cueca e meia, com o braço cobrindo o rosto de novo, para proteger os olhos da luminosidade.

Com pena, apago a luz do teto e acendo o abajur da mesinha de cabeceira, que é mais suave.

Então me ajeito do lado dele, vestindo a camisola de seda preta que coloquei para a festa.

“Demi”, murmura ele, quando começo a beijar seu pescoço.

“O que foi?”

“Estou muito cansado para isso.”

Minha boca viaja ao longo de sua mandíbula, e sua barba por fazer arranha meus lábios. Alcanço sua boca e dou um beijo suave. Ele me beija de volta, mas é só por um instante. Então solta outro gemido cansado.

“É sério, gata, estou sem energia. Trabalhei catorze horas seguidas.”

“Pode deixar que eu faço todo o trabalho”, sussurro, mas quando minha mão desliza para sua virilha, não tem nenhum sinal de vida lá embaixo. Está mole feito macarrão.

“Outra hora, *mami*”, diz ele, sonolento. “Por que não assiste seu programa de terror ou faz outra coisa?”

Engulo a decepção. Tem mais de uma semana que a gente não transa. Nico trabalha todo fim de semana e várias noites, mas amanhã ele está de folga, então é um dos raros sábados em que a gente poderia ficar acordado até tarde, se divertindo, se quisesse.

Mas ele não moveu um músculo desde que deitou.

“Tudo bem”, dou o braço a torcer e pego meu laptop. “O último episódio é ‘Crianças que matam’, mas não me lembro se fiz você ver o que passou antes desse, ‘Palhaços que matam’...?”

Nico ronca baixinho.

Que ótimo. É sábado à noite, tem uma festa bombando no primeiro andar, e não são nem dez da noite. Meu namorado gostoso apagou na minha cama e estou prestes a assistir um programa sobre assassinos. Sozinha.

Que sonho essa vida de universitária! U-hu!

Para piorar as coisas, este vai ser o último fim de semana sem estresse que vamos ter em muito tempo. Segunda-feira começa o semestre de outono, e minha grade está lotada. Estou cursando o preparatório para medicina, então preciso ter mais do que notas excelentes nos últimos dois anos na Briar se quiser entrar numa boa faculdade de medicina. Quase não vou ter tempo para ficar com Nico.

Dou uma olhada rápida na pilha de músculos que ronca ao meu lado. Ele não parece incomodado com o nosso iminente

afastamento. Mas talvez tenha um motivo pra isso. Estamos namorando desde o oitavo ano. Nosso relacionamento teve seus altos e baixos ao longo dos anos, chegamos a romper algumas vezes, mas sobrevivemos a todos os obstáculos e vamos sobreviver a isto também.

Entro debaixo das cobertas, um feito e tanto, com o corpo de Nico pesando do outro lado do lençol. Coloco o computador no colo e ligo o último episódio do meu programa favorito. Minha vontade é dizer que acompanho essa série só por causa do componente psicológico, mas... quem estou querendo enganar? É um troço doentio, e eu adoro.

A música sombria invade o meu quarto, seguida pela familiar voz monótona do apresentador britânico, dizendo que estou prestes a embarcar em sessenta minutos maravilhosos de crianças que matam.

O fim de semana passa voando. A manhã de segunda-feira chega trazendo a primeira aula do meu terceiro ano, e da disciplina que mais estou empolgada para cursar — Psicologia Anormal. E, o que é melhor, dois dos meus melhores amigos também estão na turma. Eles estão esperando por mim nos degraus de pedra do enorme edifício coberto de hera.

“Uau, tá gostosa hoje, hein!” Pax Ling me abraça, dá um beijo barulhento na minha bochecha e depois belisca minha bunda. Estou de short jeans e blusinha listrada de alcinha, porque a temperatura hoje é de um milhão de graus. Não que eu esteja reclamando que o verão tenha se estendido até setembro. Adoro calor. “Suas pernas estão *demais* nesse short, gata”, Pax fala, em tom de aprovação.

Ao lado dele, TJ Bukowski revira os olhos. Quando apresentei os dois, TJ não gostou muito da personalidade extravagante de Pax. Mas acabou dando o braço a torcer, e agora os dois têm uma relação de amor e ódio muito engraçada.

“Você também está uma delícia”, digo a Pax. “Gostei da camisa.”

Ele levanta a gola da camisa polo verde. “É da Gucci, engole essa. Minha irmã e eu fomos a Boston no final de semana e torramos uma grana. Mas, ei, valeu a pena, né?” Ele dá uma voltinha rápida para exibir a camisa nova.

“Valeu”, concordo.

TJ ajeita as alças da mochila. “Anda, gente, vamos entrar. Melhor não chegar atrasado na primeira aula. Ouvi dizer que Andrews é uma professora rigorosa.”

Eu dou risada. “Faltam quinze minutos ainda. Não se preocupa.”

“*Thomas Joseph* não se preocupar?”, pergunta Pax. “Esse é o estado-padrão dele.”

Verdade. TJ é uma massa de ansiedade ambulante.

TJ lança um olhar furioso pra gente. Não gosta que brinquem com ele, principalmente quando o assunto é a sua ansiedade, então aperta sua mão com força. “Não fica bravo, meu bem. Adoro esse seu jeito todo preocupado. Assim eu nunca me atraso pra nada.”

Com um leve sorriso, ele aperta minha mão de volta. TJ e eu nos conhecemos no primeiro ano de faculdade, quando morávamos no mesmo alojamento. A pessoa com quem eu dividia o meu quarto era absolutamente insuportável, então o de TJ virou uma espécie de santuário para mim. Ele nem sempre é a pessoa mais fácil de se conviver, mas tem sido um bom amigo desde o primeiro dia.

“Espeeeeera!”

O grito feminino corta o ar da manhã. Viro a cabeça e vejo uma garota baixinha correndo pelo caminho arborizado. Está usando um vestido preto na altura dos joelhos, com uma fileira de grandes botões brancos no meio. Traz um dos braços apontando o céu, sacudindo o que parece um tupperware de comida.

Um cara de cabelos escuros para junto dos degraus. É alto e, mesmo com o casaco grosso e cinzento com o logo da universidade, posso ver que está em forma. Faz uma cara feia quando percebe que está sendo seguido.

A garota corre na sua direção. Não ouço o que ele diz, mas a resposta dela é alta e clara. Acho que é uma das pessoas mais escandalosas que já vi.

“Fiz seu almoço!” Com um sorriso enorme no rosto, ela apresenta o potinho de comida como se estivesse entregando a ele o Santo Graal.

Ele parece tão aborrecido que é como se na verdade estivesse recebendo um saco de merda de cachorro.

Sério? A namorada do cara faz o almoço dele e não ganha nem um abraço de agradecimento? Babaca.

“Odeio esse cara”, murmura TJ.

“Você conhece?” Não consigo esconder a expressão de dúvida. TJ não costuma andar com atletas, e está na cara que o sujeito em questão é um. Os ombros largos não deixam a menor dúvida.

“É Hunter Davenport”, diz Pax, e reconheço na hora o seu tom de voz. Traduzindo: *Ai, meu Deus, quero essa gostosura todinha pra mim.*

Sem dúvida, o brilho em seus olhos tem um quê de sonhador. “Quem é Hunter Davenport?”, pergunto.

“É do time de hóquei.”

Bingo. Sabia que era atleta. Com aquele corpo... “Nunca ouvi falar”, comento, dando de ombros.

“Não está perdendo nada. É só mais um atleta rico e idiota”, diz TJ.

Arqueio uma sobrancelha. “O que você tem contra o cara?” TJ em geral não fica falando mal de atletas. Nem de ninguém, pra falar a verdade, tirando uma ou outra alfinetada em Pax.

“Nada. Só acho que é um escroto. Peguei o cara transando com uma vagabunda na biblioteca no ano passado. Totalmente vestido, mas com as calças abaixadas e metade da bunda pra fora. Estava com a garota contra a parede numa das salas de estudo.” TJ balança a cabeça de desgosto.

Também fico com nojo, mas principalmente do jeito grosseiro como meu amigo se referiu à menina. “Por favor, não use essa palavra”, repreendo. “Você sabe que não gosto desse negócio de vagabunda.”

TJ se arrepende na hora. “Desculpa, tem razão, não foi legal. De qualquer forma, o vagabundo era o Davenport, nesse contexto.”

“Por que alguém tem que ser o vagabundo?”

“Eu topo ser o vagabundo dele”, diz Pax, distraído. Ele permanece com os olhos grudados no jogador de hóquei de cabelos escuros, que ainda está brigando com a namorada.

A garota continua empurrando o tupperware na mão dele, que insiste em não aceitar. Acho que está dizendo que não vai ter tempo de comer, porque a resposta que ela grita é: “Sempre dá tempo de comer, Hunter! Mas quer saber? Tudo bem. Pode passar fome, se quiser. Desculpa por tentar te alimentar!”

Sorrindo, coloco minhas mãos em volta da boca e grito: “Pega logo o almoço, cara!”.

Davenport vira a cabeça na minha direção. Em seguida faz cara feia.

A garota, por outro lado, sorri para mim. “*Obrigada!*” Ela enfia o potinho na mão dele uma última vez e se afasta. Seus saltos vão batendo com força contra os paralelepípedos que revestem o chão da maior parte do campus, um patrimônio histórico.

Furioso, o jogador de hóquei vem na nossa direção, nos encarando. “Você não tem ideia do que acabou de fazer”, rosna para mim. Sua voz é mais grave do que eu esperava, com um tom rouco bem interessante. Ele me mostra o potinho. “Agora estabelecemos um precedente. Ela vai fazer almoço pra mim o semestre inteiro.”

Reviro os olhos. “Uau, que maldade dela, *tentar te alimentar.*”

Ele começa a se afastar com um suspiro. Mas então detém o passo. “Ah, oi, tudo bem, cara?”, diz para Pax.

Meu amigo abre a boca até o queixo bater nos tênis brancos. Parecem novos também, então acho que não foi só a camisa que ele comprou em Boston.

“Oi”, Pax responde, obviamente confuso por ter sido notado.

“A gente foi da mesma turma de Mídia Alternativa no semestre passado. Seu nome é Jax, né?”

Para minha descrença, Pax faz que sim com a cabeça, feito um idiota.

“Também está na turma de Psicologia Anormal?”

“Tô”, Pax murmura.

“Legal. Bom, te vejo lá dentro.” Davenport dá um tapinha no ombro de Pax antes de subir as escadas em direção à entrada do prédio.

Olho fixamente para o meu amigo, mas ele está ocupado demais, admirando a bunda de Davenport.

“Ei, Jax”, zombo. “Terra para Jax.”

TJ ri.

Pax sai de seu transe. Então me olha, envergonhado. “Ele lembrou de mim, Demi. Não ia corrigir o cara logo depois de *lembrar* de mim.”

“Ele lembrou de Jax!”

“Sou eu! Meu nome é Jax. Agora vivo a vida como Jax. Foi Hunter Davenport quem falou.”

Solto um suspiro e olho para TJ. “Por que somos amigos dele mesmo?”

“Não tenho ideia”, ele responde, com um sorriso. “Anda, Jax, vamos escoltar nossa dama para a aula.”

Entro na sala ensanduichada entre eles, de braço dado com os dois. A maior parte de meus amigos é homem, fato que meu namorado aprendeu a aceitar. No colégio, não gostava muito da ideia, mas Nico nunca foi um namorado controlador, e acho que até gosta de como me dou bem com os amigos dele.

Não me levem a mal, também tenho amigas. Minhas colegas de fraternidade. Pippa e Corinne, com quem vou jantar hoje à noite. Só que tenho mais amigos homens que mulheres, não sei por quê.

Dentro da sala escura, os meninos e eu encontramos três lugares juntos perto do meio da sala. Vejo Hunter Davenport na fileira à nossa frente, perto do corredor, curvado sobre o telefone.

“Ai, ele é perfeito”, suspira Pax. “Vocês não têm ideia de quantas vezes fantasiei em atraí-lo para o lado negro da força.”

Dou um tapinha no braço do meu amigo. “Talvez um dia. Tenho fé em você.”

A sala fica cheia, mas todos se calam quando a professora entra, às nove em ponto. É uma mulher alta e esbelta, com cabelos curtos, olhos castanhos astutos e óculos de moldura preta e quadrada. Ela nos cumprimenta calorosamente e então se apresenta, explicando quem é e o que vamos ter que aprender este ano.

Estou animada. Meu pai é cirurgião e minha mãe foi enfermeira pediátrica, por isso era inevitável que eu acabasse na área médica. Deve estar nos meus genes. Mas nunca me interessei por cirurgia nem enfermagem. Desde criança me interessei pela *mente*. Distúrbios de personalidade me fascinam. Padrões destrutivos de pensamento e como impactam um indivíduo quando ele interage com o mundo.

A professora Andrews enumera os tópicos específicos que vamos abordar. “Vamos ver como a psicologia anormal era tratada no passado e como as abordagens modernas evoluíram ao longo dos anos. As avaliações clínicas e o diagnóstico vão desempenhar um papel importante nos nossos estudos. Além disso, acredito em uma abordagem prática do ensino. Isso significa que não vou simplesmente ficar aqui na frente relatando fatos sobre distúrbios de estresse, transtornos de humor, problemas sexuais e por aí vai.”

Eu me inclino para a frente. Já estou empolgada. Gostei desse jeito direto e da forma como ela tenta estabelecer contato visual com todos os alunos. Já vi muito professor que fica lendo de um laptop

em tom monótono e nem parece notar que tem outras pessoas na sala.

Ela diz que vamos escrever resumos dos estudos de caso discutidos em sala de aula e fazer algumas provas de múltipla escolha. “As datas das provas estão todas no plano de estudos que vocês receberam por e-mail. Já o projeto de fim de curso vai ser em dupla, e vai ser uma parceria contínua. A data de entrega do trabalho e do estudo de caso será logo antes das férias de fim de ano. Agora, a parte divertida...”

Percebo vários olhares desconfortáveis sendo trocados por toda a sala. Acho que ninguém acredita muito quando um professor fala em “diversão”. Mas não estou preocupada. Tudo o que ela descreveu até agora parece interessante.

“Lembram daquela brincadeira de criança, brincar de médico?” A professora Andrews sorri para a sala. “Esse vai ser o projeto de pesquisa de vocês. Uma pessoa da dupla vai ser o psicólogo; a outra, o paciente. O primeiro vai receber as ferramentas de diagnóstico para fazer uma avaliação e escrever um estudo de caso detalhado. O segundo vai receber um distúrbio psicológico para pesquisar e, por falta de palavra melhor, encenar para o médico.”

“Adorei”, diz Pax para mim. “Por favor, *por favor*, deixa eu ser o paciente.”

“Por que você acha que vai fazer dupla com a Demi?”, objeta TJ.

“Meninos, tem pra todo mundo.”

Mas Andrews tem uma última pegadinha. “Eu vou escolher as duplas a partir da lista de chamada, em ordem alfabética.” Ela ergue umas folhas de papel. “Quando ouvirem seus nomes, levantem as

mãos, para saberem quem é sua dupla. Certo, vamos lá: Ames e Ardin.”

Dois braços se erguem. Uma garota de cabelo roxo brilhante e outra com um boné dos Patriots.

“Axelrod e Bailey.”

Deve ter uns cem alunos na turma, mas Andrews é eficiente. Ela passa depressa pelos nomes, e logo chegamos à letra D.

“Davenport e Davis.”

Levanto a mão junto com Hunter. Ele me olha e curva os lábios num meio sorriso.

Ao meu lado, TJ solta um suspiro infeliz. Ele se inclina e sussurra: “Quer que eu mude legalmente meu sobrenome para Davidson para te salvar do idiota do hóquei?”

Sorrio para ele. “Não esquentá, vou sobreviver.”

“Gray e Guthrie”, anuncia Andrews.

“Tem certeza?”, insiste TJ. “Aposto que você poderia trocar de dupla se dissesse alguma coisa.”

“Killington e Ladde.”

“Tá tudo bem, querido. Nem conheço o cara”, digo. “Você é que não gosta dele.”

“Mas eu amo”, lamenta Pax. “Daria *tudo* pra brincar de médico com ele.”

Mas então Andrews chama “Lawson e Ling”, e Pax se anima quando sua dupla levanta a mão. É um cara de cabelos castanhos ondulados e um queixo maravilhoso.

“Ele serve”, murmura Pax, e engulo uma risada.

“Esses envelopes”, anuncia Andrews, apontando para uma pilha de envelopes de papel pardo em sua mesa, “contêm instruções

detalhadas sobre o trabalho. Tem um para cada dupla, basta um de vocês pegar quando acabar a aula. Vocês decidem entre si quem assume qual papel.”

Hunter se vira e faz uma arminha com a mão, apontando para mim. Acho que quer dizer que é pra eu pegar o envelope.

Reviro os olhos. Já entendi tudo, ele vai deixar o trabalho todo comigo.

Uma vez que as duplas estão formadas, Andrews dá início à aula, e faço tantas anotações que meu pulso começa a doer. Merda, preciso trazer o computador na aula que vem. Em geral, prefiro escrever à mão, mas a quantidade de informação é imensa, e ela cobre muita coisa em pouquíssimo tempo.

Depois que somos dispensados, vou até a mesa dela para pegar um envelope pardo. É pesado. Talvez algumas pessoas se assustem com isso, mas estou empolgada com o trabalho. Parece divertido e abrangente, ainda que minha dupla seja um atleta.

Por falar no atleta, ele caminha na minha direção, trazendo a mochila num dos ombros largos. “Davis”, me cumprimenta.

“Davenport.”

“Pode me chamar de Hunter.” Ele me examina da cabeça aos pés, demorando-se um pouco mais que o necessário nas minhas longas pernas nuas, ainda bronzeadas do verão em Miami.

“Sou Demi.” Noto TJ e Pax em pé perto da porta, esperando por mim.

“Demi...”, ele repete, distraído. Ainda está checando minhas pernas, e engole em seco visivelmente antes de forçar os olhos de volta para os meus.

“Sim, esse é o meu nome.” Por que ele está mudando de posição assim? Estreito os olhos na direção da virilha dele. Aquilo é uma *semiereção*?

“Demi”, diz ele.

“Ã-ham. Rima com semi.” Lanço um olhar mordaz para sua virilha. Hunter olha para baixo. Então ri. “Pelo amor de Deus, não é o que você tá pensando. É só a minha calça.”

“Ah, claro.”

Ele leva a mão grande até o zíper e cobre a região com a palma, e o volume de fato diminui um pouco. “Jeans novo”, resmunga. “Tá meio duro ainda.”

“Duro, é?”

“É o tecido. Tá vendo? Toca aqui.”

Deixo escapar uma risada. “Ai, meu Deus, não vou pôr a mão no seu pau.”

“Não sabe o que está perdendo.” Hunter sorri.

“Vou deixar passar.” Levanto o envelope. “Então, quando a gente pode se encontrar pra dar uma olhada nisso aqui?”

“Não sei. Tá livre hoje à noite?”

Balanço negativamente a cabeça. “Não. Que tal amanhã?”

“Pode ser, vou estar na área. Quando e onde?”

“Oito horas na casa da Theta Beta Nu?”

“É sério? Não achei que você fosse de uma fraternidade.”

Dou de ombros. “Bem, eu sou.”

Verdade seja dita, só entrei para a fraternidade porque não queria morar no alojamento. Além do mais, minha mãe foi da Theta na faculdade, e cresci ouvindo sobre como seus dias de fraternidade

foram os melhores de sua vida. Ela era a alegria da festa naquela época, e ainda é.

“Combinado. Te vejo amanhã à noite, Semi”, diz ele, antes de sair.

HUNTER

“Ai. Que saudade desses peitos.”

“Eles também estão com saudade...”

“Ah é? Saudade do quê?”

“Da sua língua, com certeza.”

“Humm. Deixa eu ver, gostosa. Só uma olhadinha.”

“E se um dos seus colegas entrar?”

“Ele vai morrer de inveja, porque estou namorando a mulher mais sexy do mundo.”

“Tá bom, eu mostro. Mas só se você me mostrar o seu pau.”

“Combinado. Você primeiro... ah, delícia... espera, melhor esconder essas lindezas... E se o Hunter entrar? Você disse que ele estava em casa.”

“Ah, não esquenta. Hunter virou monge agora. Ver meus peitos não vai ter o menor impacto.”

Na cozinha, finalmente solto o rosnado preso na garganta. *Achei* que fosse descer e jantar antes da reunião com Demi Davis. Em vez disso, passei os últimos cinco minutos ouvindo a sessão de Skype mais nauseante do mundo.

“Eu virei um monge”, grito, da porta. “E não um eunuco, porra!”

Entro na sala sem dar tempo para Brenna se cobrir. Ela não merece essa consideração. Como recompensa por ter que aturar o

sexo online de Brenna e Jake Connelly, mereço ver uns peitos que não sejam de vídeo pornô.

Mas Brenna já está vestindo a camiseta, então tenho que me contentar com um rápido vislumbre provocante de mamilos marrom-avermelhados.

“Chega pra lá, sua demônia.” Sento no sofá ao seu lado e enfio uma garfada de arroz selvagem na boca. Dou uma olhada para o laptop na mesinha de centro. “Oi, Connelly. Belo pau.”

O cara na tela do computador solta um palavrão. Ele volta os olhos para a mão direita, como se só então tivesse se dado conta de que estava segurando uma ereção bem impressionante. Depois de um borrão na imagem e do som de um zíper se fechando, Jake Connelly me encara com olhos verdes intensos.

“Espionando a gente, Davenport?”

Engulo minha comida. “É espionagem quando você tá pelado no Skype, na minha sala de estar?”

“Nossa sala de estar”, Brenna diz com toda a doçura, estendendo a mão para me dar um tapinha no ombro.

Certo, como se eu pudesse esquecer. Outros caras talvez adorariam dividir uma casa com três garotas, mas não é o que considero um arranjo ideal para a vida. Gosto de Brenna, de Summer e de Rupi individualmente, mas, quando as três se juntam, o mundo vira um lugar... barulhento. Isso sem contar que elas vivem se unindo contra mim.

Tecnicamente, meus antigos colegas de república, Mike Hollis e Colin Fitzgerald, também moram aqui ainda, mas eles quase não param em casa.

Hollis só aparece nos fins de semana — passa os outros dias com os pais, em New Hampshire, por causa do trabalho.

Fitz é designer de games e tem pegado muito trabalho freelancer desde que se formou na Briar. Às vezes, isso significa viajar para a sede da desenvolvedora. Neste momento, está em Nova York, trabalhando num jogo de ficção científica, e enquanto isso está ficando na cobertura da família de Summer em Manhattan. Sortudo. A família Heyward-Di Laurentis é podre de rica, então ele está sentado no luxo.

“Connelly, vambora. O carro está esperando a gente lá embaixo”, outra voz berra no alto-falante do laptop. “A foto para a caridade é hoje à noite.”

Jake olha por cima do ombro. “Ah, merda, tinha esquecido disso.”

“O que você está fazendo... ah, oi, Brenna!” Uma cara enorme aparece tão perto da tela que dá pra ver os pelinhos do nariz.

Quando o sujeito se afasta, experimento um raro momento de empolgação infantil, porque, minha nossa, é Theo Nilsson, um dos melhores jogadores do time de Edmonton. Não acredito que Nilsson acabou de dar um pulinho casual no quarto de hotel de Jake, e a pontada de inveja diante da ideia de que ele está mesmo por aí jogando hóquei com algumas lendas do esporte é irrefreável.

Quando era criança, eu sonhava em jogar profissionalmente, mas, à medida que fui envelhecendo, percebi que talvez não fosse o melhor caminho para mim. Esse estilo de vida me assusta, pra ser sincero. Então não me inscrevi no *draft* de propósito. Nem tinha planejado jogar na faculdade. Vim para a Briar pra me formar em administração de empresas e virar empreendedor. Mas um amigo e

colega de time que se formou há uns dois anos me convenceu a abrir mão da aposentadoria autoimposta, e agora estou aqui.

“Tenho que ir, gata”, Jake diz a Brenna.

“Divirta-se tirando foto com todas aquelas marias-patins sedentas”, provoca ela.

Nilsson dá uma gargalhada. “É um evento de caridade numa organização de curling para idosos”, revela o colega de time de Jake.

Ela não se dá por vencida. “Você já viu o Jake?”, Brenna pergunta a Theo. “Aquelas coroas vão ficar doidas por ele. Marias-patins transcendem a idade.”

Brenna desliga, e enfio um pedaço de frango grelhado na boca. “Não acredito que era Theo Nilsson”, digo, mastigando.

“Pois é, ele é muito legal. Jantamos com ele na semana passada, quando jogaram com os Bruins.”

“Não precisa humilhar, vai.”

Brenna franze os lábios vermelhos — sua marca registrada — num sorriso gentil. Mesmo quando está sozinha em casa, se dá o trabalho de passar um batom do estilo “me coma”. Ela é cruel. “Se você se comportar, da próxima vez eu te chamo.”

“Eu sempre me comporto”, protesto. “Pergunta pro meu pau... o coitado quer que eu saia da linha, mas não dou o braço a torcer.”

Ela ri. “Acho que todo esse tesão reprimido não faz bem à saúde. E se as suas bolas explodirem e você morrer?”

Penso um pouco a respeito. “Talvez seja como mil orgasmos acumulados numa explosão, e quem iria querer continuar vivendo depois disso? Acho que, depois de uma explosão de mil orgasmos, todo o resto vai ser uma decepção.”

“É um bom argumento.” Os olhos escuros de Brenna me acompanham quando me levanto e vou para a cozinha lavar o prato.

“Tenho que ir”, aviso a ela, da porta da cozinha. “Até mais.”

“Vai aonde?”

“Estudar na casa Theta.”

“Rá! Esse voto de celibato já era.”

“Não. O voto continua intacto. É só um trabalho em dupla que tenho que fazer com uma garota de lá.”

“Um trabalho em dupla”, ela zomba.

“É, um trabalho. O mundo não gira em torno de sexo, Bee.”

“Claro que gira.” Ela lambe os lábios com lascívia, e minha boca formiga em resposta. O mesmo acontece com meu pênis.

Ela tem razão. Sexo é tudo e está em todo lugar. Uma mulher não pode nem lambe os lábios sem meu cérebro ser jogado na sarjeta sexual.

Até hoje, só encontrei uma solução para controlar a libido: maconha. E nem *isso* posso usar tanto quanto gostaria, a não ser por um baseado ou outro numa festinha. A maconha me acalma e reprime meus impulsos carnais, mas também me deixa cansado e lento nos treinos. E de jeito nenhum que vou desafiar os deuses dos exames antidoping da Associação Nacional. Então, como sexo, é só mais uma atividade divertida que evito. Minha vida é demais.

“Enfim, vou jogar sinuca com alguns dos caras no Malone’s depois. Vou chegar tarde.”

“Nem pra me chamar!” Ela faz um beicinho de zombaria.

“Não”, respondo e não me sinto nem um pouco culpado por isso. Moro na terra do estrogênio, e às vezes preciso escapar, mesmo

que só por uma noite. “Mulher não entra. Já tem mulher demais nesta casa.”

“Ah, mas você adora. Todo dia, Rupi faz seu almoço, Summer prepara seu café da manhã, e eu estou sempre andando de calcinha pela casa. Comida e material para o seu banco de esperma, Davenport. Sua vida é um sonho.”

“Um sonho seria se eu transasse com vocês todas as noites. Ao mesmo tempo.”

“Rá! Vai sonhando mesmo. Divirta-se com o seu...”, Brenna desenha aspas no ar, “trabalho em dupla.”

Mostro o dedo do meio pra ela antes de sair e quinze minutos depois estou de volta ao campus, estacionando o Land Rover na rua arborizada das casas de fraternidade. É terça-feira à noite, e o lugar está surpreendentemente tranquilo. Em geral, sempre tem alguma festa ou evento noturno acontecendo na rua, mas esta noite só ouço o som fraco de música tocando em algumas das casas.

Subo o caminho florido que leva à porta da casa Theta. Quase todas as janelas do casarão de três andares estão acesas. Toco a campainha, e uma garota alta e magra de moletom aparece.

Ela arqueia uma sobrancelha. “Pois não?”

“Demi está?” Levanto o ombro em que estou carregando a mochila. “Combinamos de estudar.”

A colega de Demi dá de ombros, vira a cabeça e grita: “Demi! Visita!”

Entro na casa, que passou por uma reforma drástica desde que estive aqui no fim de semana. O lugar está brilhando de limpo, cheirando a desinfetante de limão, e não vejo garotas seminuas, nem caras bêbados ou poças de cerveja no piso de madeira.

Ouçõ passos na escada de madeira, e a garota da aula de psicologia desce os degraus, com um pirulito no canto da boca. Na mesma hora, me concentro em seus lábios, que estão brilhando, tingidos com o vermelho do doce que ela está chupando. Seu cabelo escuro está preso num rabo de cavalo alto, e ela está de calça xadrez e uma blusa branca fina sobre um sutiã esportivo preto.

É muito bonita, e tenho que fazer força para parar de encará-la.

“Oi”, Demi cumprimenta, me observando demoradamente.

“Mel, quem era na campanha?”, alguém grita.

Há um burburinho e meia dúzia de garotas saem da cozinha e aparecem no corredor. Todas param abruptamente quando me notam. Uma delas me despe abertamente com os olhos; já as outras são um pouco mais discretas.

“Hunter Davenport”, diz a mais atrevida. “Nossa, você é ainda mais bonito de perto.”

Em geral, não sou tímido nem bobo com mulheres, mas estão todas ali me avaliando, e isso é desconcertante. “Que tal você me passar o seu telefone?”, murmuro para Demi.

“E por que eu faria isso?”

“Pra eu poder mandar uma mensagem da próxima vez avisando que estou aqui, e você vir me buscar na surdina, e a gente poder evitar tudo... isso...” Faço um gesto para a nossa plateia.

“Qual é o problema? Fica intimidado com algumas garotas?” Revirando os olhos, Demi me leva em direção à escada.

“Não.” Dou uma piscadinha. “Estou preocupado com você.”

“Comigo?”

“É, pois é. Se eu continuar vindo te encontrar aqui, suas colegas vão ficar morrendo de inveja e, por causa do ressentimento, elas vão acabar te tratando mal, e você vai perder todas as suas amigas. É isso que você quer, Semi?”

Ela ri. “Ah não! Tem razão. A partir de agora, melhor você entrar pela janela. Igual Romeu.” Ela desloca o pirulito para o outro canto da boca com a língua. “Só um *spoiler*: Romeu morre no final.”

Demi me leva para um quarto no segundo andar e fecha a porta.

Examino o quarto. As paredes são amarelas, e a cama é uma daquelas com quatro colunas que parecem que deveriam ter um dossel ondulado, mas não têm. A colcha é roxa, e tem um panda de pelúcia num dos travesseiros.

A mesa está cheia de livros didáticos. Química, biologia e um de matemática com um título ilegível. Arqueio as sobrancelhas. Se ela está estudando tudo isso num semestre, tem uma carga horária intensa, e não a invejo por isso.

Mas meu olhar está mais interessado no grande quadro de cortiça sobre a mesa. Está praticamente transbordando de fotos, e me aproximo para dar uma olhada. Humm, tem um monte de homens nessas fotos. Algumas meninas também, mas as amigadas de Demi parecem ser em sua maior parte do sexo masculino. Em várias fotos ela aparece com o mesmo cara de cabelo preto. Namorado?

“Então, como a gente vai fazer?”, pergunto, largando a mochila na cadeira.

“Bem, Andrews disse pra gente tratar esses encontros como sessões de terapia de verdade.”

“Certo.” Levanto as sobrancelhas algumas vezes. “Pronta pra brincar de médico?”

“Eca. Tô fora de brincadeiras com você, menino do hóquei.”

“*Homem* do hóquei, por favor.”

“Tá legal, homem do hóquei.” Demi vasculha sua bolsa e puxa o envelope pardo que recebemos ontem na aula. Ela senta na beirada da cama com os papéis no colo. “Certo, pensei que você podia ser o paciente, e eu, a médica. Assim você fica com a parte mais fácil da dissertação.”

Franzo a testa. “E por que você acha que preciso ficar com a parte fácil?”

“Ah, desculpa, não quis insultar sua inteligência”, diz ela, parecendo sincera. “Mas um amigo me disse que você tá cursando administração de empresas.”

“E daí?”

“E daí que eu sou a aluna de psicologia da dupla, e acho que escrever o estudo de caso e fazer o diagnóstico seria mais útil pra mim do que pra você, já que quero trabalhar com isso. Mas se você não quiser mesmo fazer a pesquisa sobre a doença, a gente pode tirar no palitinho.”

Penso por um momento. Demi tem razão sobre a questão da formação dela. E não me importo de fazer a pesquisa. “Tranquilo, por mim tanto faz. Posso ser o paciente.”

“Perfeito. Combinado.”

“Tá vendo como a gente trabalha bem junto?” Meu olhar se volta para o pequeno sofá debaixo da janela. “Legal, parece um consultório de psiquiatra de verdade.” Caminho até o móvel e afundo nele meu corpo grande demais, estendendo as pernas por cima do descanso de braço. Então levo a mão até o zíper. “*Com* roupa ou sem?”

4

DEMI

Dou uma gargalhada diante da falta de cabimento da pergunta. “Com roupa, pelo amor de Deus.”

“Tem certeza?”, insiste Hunter, posicionando os dedos sobre o botão da calça jeans.

“Absoluta.”

“Azar o seu.” Ele dá uma piscadinha e leva as mãos atrás da cabeça.

Davenport é divertido, tenho de dar o braço a torcer. E muito mais atraente do que deveria. Minhas colegas de fraternidade deixaram poças de baba no chão quando ele passou por elas lá embaixo. A maioria delas é louca por atletas, então provavelmente vão invadir meu quarto, implorando por detalhes, assim que ele for embora.

Ele se espicha todo no meu sofazinho e tira os sapatos. Está usando um jeans rasgado no joelho, uma camiseta preta e um moletom cinza aberto. É musculoso, mas não chega a ser grandalhão, tem um ótimo corpo e um rosto de parar o coração. E, quando me lança um sorriso arrogante, fico horrorizada ao sentir um calor em minhas bochechas. Esse sorriso é perigoso. Não admira que Pax seja obcecado pelo cara.

Abro o envelope pardo e tiro um pacote grampeado com as instruções do trabalho e mais dois envelopes. Um deles tem a palavra “TERAPEUTA” anotada, e o outro, “PACIENTE”.

“Aqui.” Jogo o envelope do paciente no sofá. Hunter pega sem qualquer dificuldade.

Dentro do meu, encontro uma pilha de papéis e folheio. São folhas em branco que devo usar para minhas “anotações de sessão”. Dou uma olhada nas instruções. Precisamos registrar no mínimo oito sessões, mas podemos fazer quantas quisermos. Aparentemente, minhas anotações serão incluídas no apêndice do estudo de caso que tenho de escrever. Meu envelope também inclui ferramentas de diagnóstico e folhas com dicas.

Do sofá, Hunter ri baixinho. Ergo os olhos para ele e o vejo folheando os papéis. Sua pilha não é tão grande quanto a minha, provavelmente porque sua parte do projeto envolve mais pesquisa.

“Acho que a gente devia ter dividido os papéis na aula”, comento ao me dar conta disso. “Não sei se rola fazer uma sessão antes de você dar uma pesquisada no seu falso distúrbio.”

Mas Hunter se limita a dar de ombros. Ele avalia os papéis mais uma vez, e um tom irônico permeia sua voz. “Tá tranquilo. Sei o suficiente pra improvisar, pelo menos nesta primeira conversa.”

“Tem certeza?”

“Tenho.” Ele coloca os papéis de volta no envelope e o guarda na mochila. Então se acomoda no sofá de novo. “Beleza, pode começar.”

De acordo com as instruções de Andrews, não tenho permissão para gravar a sessão. Mas confio em minhas habilidades de anotação. Mastigo o finalzinho do pirulito, engulo o doce e jogo o palito na lixeira.

Uma vez que estamos os dois acomodados, começamos pelas formalidades. “Então, senhor...?” Espero que ele complete com seu

nome falso.

“Sexy.”

“Não. Você pode fazer melhor que isso.”

“Big”, ele tenta de novo.

Solto um suspiro. “Smith”, digo, com firmeza. “Você é o sr. Smith. Primeiro nome, hã, Damien.”

“Igual o garoto demônio do filme de terror? Não. É muito carma negativo.”

“Você é um carma negativo”, murmuro. Meu Deus, uma eternidade só pra decidir um nome falso. Neste ritmo, o trabalho não vai acabar nunca. “Tá legal, seu primeiro nome é Richard; apelido, Dick, o insuportável.”

Ele dá uma risada.

“Prazer em conhecê-lo, Dick Smith”, digo, educada. “Sou a dra. Davis. O que posso fazer por você?”

Eu meio que espero outra piada obscena, algo sobre esse Dick precisar de carinho. Mas ele me surpreende. “Minha mulher acha que preciso de terapia.”

Arregalo os olhos. Humm, foi direto ao ponto. Gostei. “Ah é?... E por que ela acha isso?”

“Falando sério? Não sei. *Ela* é que precisa de terapia. Está sempre perdendo a cabeça por causa de alguma coisa.”

Anoto a expressão que ele usou. “O que quer dizer com isso, perdendo a cabeça?”

“Ela pensa demais em tudo. Só sabe reclamar. Por exemplo, se eu chego em casa atrasado do trabalho, o cérebro dela logo conclui ‘tá me traindo’.” Hunter faz uma pausa, irritado. “Acho que, já que é

pra falar tudo, então tenho que dizer que já traí minha mulher uma ou duas vezes e, sim, ela sabe disso.”

Uau, parece coisa de novela. Já embarquei completamente.

“Certo... essa traição que você mencionou.” Faço mais algumas anotações. “Há quanto tempo isso aconteceu? E foi só uma ou duas vezes mesmo?”

“O primeiro caso foi anos atrás, o mais recente, este ano. Estava sofrendo muito estresse no trabalho.”

Percebo que ele ignorou minha pergunta sobre quantas vezes realmente traiu a esposa.

“Por que acha que fez isso? Tem alguma razão específica que se destaca?”

“É difícil se sentir conectado a alguém que só reclama e faz exigências. *Ela* que me levou a pular a cerca. Quer dizer, o que ela achava que ia acontecer, me tratando daquele jeito?”

Eca, que babaca. Ele considera a *esposa* responsável pela *sua* traição...

Interrompo o raciocínio, lembrando a mim mesma que não devo julgar. Minha função é tentar entender.

Se eu trabalhar com psicologia clínica, certamente vou acabar ouvindo milhares de histórias sórdidas de infidelidade. Talvez precise tratar alguém que abusa física ou emocionalmente do parceiro. É muito provável que encontre pacientes que desprezo ou que talvez não consiga ajudar.

Meu trabalho não é condená-los, e sim tentar ajudá-los a desenvolver seu autoconhecimento.

“Então, quando contou pra ela dos casos, você e sua esposa concordaram em começar de novo? Tentar mais uma vez?”

Hunter assente. “Ela aceitou a responsabilidade que teve no que aconteceu e concordou em me perdoar. Isso significa que ficou pra trás, é passado. Ficar suspeitando de mim o tempo todo não me faz querer ficar com ela. Vai por mim, não é fácil conviver com alguém assim.”

“Imagino que não mesmo. Mas você tem alguma ideia do motivo por que ela pode estar se comportando assim? Tente se colocar na posição dela. Como acha que reagiria se sua esposa fosse infiel?”

“Ela nunca me trairia”, diz ele, presunçoso. “Tirou a sorte grande comigo. Sou muita areia pro caminhãozinho dela.”

Você é nojento, sinto vontade de falar. Em vez disso, digo: “Entendo”.

E agora percebo por que os terapeutas parecem se apegar a essa palavra. É uma forma de dar vazão aos palavrões em sua cabeça.

Hunter e eu conversamos mais uns vinte minutos sobre sua esposa fictícia, a encheção de saco dela e a infidelidade dele, e começo a perceber uma tendência em suas respostas. Uma total incapacidade de se colocar no lugar da outra pessoa.

Falta de empatia, escrevo e envolvo as palavras com uma estrela.

Ele termina de contar mais uma longa história retratando a esposa como vilã e ele, uma vítima inocente, e fico impressionada com o fato de ter mesmo mergulhado de cabeça no trabalho. E está se saindo *tão* bem que chega a ser... ai, sensual pra burro, pra falar a verdade.

Estou prestes a fazer mais uma pergunta, mas Hunter se senta. “Melhor parar. Esgotei oficialmente todo o meu conhecimento sobre... meu distúrbio”, ele diz, sendo vago. “Tenho que pesquisar mais antes de continuar conversando.”

“Foi divertido”, admito. “Não achou?”

“É, até que foi.” Ele levanta do sofá e estica os braços musculosos acima da cabeça, se espreguiçando. Sua camiseta sobe com o movimento, revelando um abdome de aço.

Meu queixo cai. “Meu Deus. Isso é tão injusto.”

“O quê?” Hunter franze a testa.

“Você já viu esse abdome? Quem tem músculos assim?”

A expressão de dúvida dá lugar a um sorriso presunçoso. “Sou jogador de hóquei. Cada centímetro do meu corpo é assim.”

Mais uma vez minhas bochechas ficam quentes. Estou tentando não imaginar como é o resto do seu corpo sob suas roupas, mas tenho a sensação de que ele não está exagerando. É um físico de outro mundo.

Vejo a tela do meu telefone acender na mesa de cabeceira e levanto para conferir quem é. Deixei no mudo, e Nico mandou duas mensagens na última hora. Uma há trinta minutos e outra agora.

NICO: Oi, gata, não vou poder dormir aí hj. O carro pifou depois do trabalho. Problema na bateria, acho. Vou rebocar até a oficina em Hastings e buscar de manhã antes da aula.

NICO: Tá brava? : (

Digito uma resposta rápida.

EU: Brava não, amor. Só um pouco decepcionada.

“Tudo bem?”, pergunta Hunter, fechando o zíper da blusa.

Dou de ombros. “Meu namorado me deu bolo. Ele vinha passar a noite aqui, mas a bateria do carro arriou. Acho que tem que trocar ou coisa do tipo.”

“Que pena. Até chamaria você pra jogar sinuca com meus amigos esta noite, mas preciso dar um tempo nas garotas.”

“Ah é, toda essa atenção feminina deve ser uma tortura.” Penso na mocinha bonita de ontem, a que se esforçou para fazer o almoço dele e foi completamente rechaçada. “Vamos lá, vou te levar lá embaixo.”

Mas, antes que eu chegue até a porta, Nico me liga. “Ai, vou ter que atender”, digo, enquanto saímos do quarto.

Não tenho escolha, porque sempre que perco uma chamada ou uma mensagem de Nico, ele parece fazer questão de não me atender quando ligo de volta, mesmo que seja meio segundo depois. Não entendo. Um monte de gente faz isso. Como podem não estar disponíveis cinco segundos depois de entrarem em contato? É como se mandassem a mensagem e jogassem o celular no rio.

“Oi”, digo, apressada. “Tudo bem?”

“Só queria ver como você tá”, responde Nico. “Vou tomar banho daqui a pouco e provavelmente dormir cedo.”

“Por quê? Ah é, pra buscar o carro amanhã.”

“O carro?”

“Que você mandou rebocar até a oficina...”, lembro. De canto de olho, noto Hunter ouvindo, curioso. Peço que ande mais rápido enquanto descemos as escadas.

“Ah, não, Steve me ajudou. Ele tinha uns cabos no caminhão.”

“Espera, então você conseguiu dar partida no carro?” *Então por que não veio pra cá?*, quero perguntar, mas me forço a não falar nada.

“É, consegui. Mas não quero dirigir de novo hoje e correr o risco de ficar sem bateria de novo”, explica Nico, como se estivesse lendo a minha mente. “Vou levar no mecânico de manhã. Mas te vejo amanhã à noite, tá bom?”

“Tá.”

“Te amo, *mami*.”

“Também te amo.”

Estou franzindo a testa quando Hunter e eu chegamos à porta da frente. “O namorado?”, pergunta ele.

Faço que sim com um aceno de leve. “Parece que ele ligou o carro usando cabo de bateria, mas ainda está arriada. Não sei direito. Não entendo muito de carro.”

“Parece lorota”, comenta Hunter. “Usar a velha desculpa de que o carro quebrou pra não ter que encontrar alguém.”

“Ah, é?”, questiono. “Você costuma mentir que o carro quebrou pra se livrar de um encontro?”

“Se eu costumo fazer isso? Não. Se já fiz? Já.”

Olho feio para ele. “Bem, nem todo mundo é mentiroso que nem você.”

Ele não se ofende. Apenas sorri. “Foi mal. Não queria tocar num ponto fraco.”

“Não tocou.”

“Ã-ham. Enfim, os meninos estão me esperando. Até mais tarde, Semi.”

Praticamente o enxoto pela porta da frente. Se eu me livrar dele quanto antes, essa sementinha de dúvida que conseguiu plantar em mim não cria raízes.

HUNTER

Sou o primeiro a aparecer na reunião de quinta à tarde do time. Nunca fui de chegar cedo nessas coisas, mas, agora que sou o capitão, quero dar o exemplo, então aqui estou, sozinho na sala de mídia.

As instalações de hóquei da Briar são de primeira linha, o sistema de vídeo é animal. É uma sala grande, uma espécie de auditório, com três fileiras de mesas com poltronas acolchoadas imensas e um telão gigante para assistir os vídeos dos jogos. Passamos a semana toda estudando o time do Eastwood College. Eles são nossos rivais na liga universitária, e vamos enfrentá-los amanhã, no primeiro jogo oficial da temporada.

Não estou muito preocupado. O Eastwood não está com uma equipe particularmente forte este ano, mas nós estamos. Mesmo sem Fitzzy, Hollis e Nate Rhodes, nosso time ainda tem uma formação sólida. Eu, Matty, um goleiro excelente e alguns calouros recrutados pelo treinador Jensen que estavam entre os melhores jogadores de ensino médio do país.

Depois que o time me escolheu para substituir Nate, o antigo capitão, liguei pedindo dicas sobre como manter o moral, como motivar os caras, enfim, sobre como ser um *líder*, mas ele não falou muita coisa. Disse que a dinâmica muda todo ano com a saída dos jogadores mais velhos e a entrada dos mais novos, e que eu ia

aprender com o tempo. É mais uma questão de lidar com trinta egos e manter todo mundo animado e concentrado na missão: vencer.

Por falar em jogadores novos, nesta temporada temos um monte. No final de agosto, fizemos testes para alunos que jogam hóquei mas que não foram recrutados para jogar pela universidade, ou para qualquer um que simplesmente quisesse tentar uma vaga no time. Um dos meus novos companheiros de time preferidos veio dessa seleção: Conor Edwards, que entra na sala assim que me acomodo numa poltrona na primeira fila.

Con se acha o pegador, mas não é tão babaca quanto seria de se esperar. É na verdade um cara bem decente, com um senso de humor sarcástico que me agrada.

“E aí, capitão?”, diz, antes de abrir um bocejo imenso. Ele passa a mão preguiçosa pelos cabelos louros desbotados de sol, chamando minha atenção para o chupão roxo no pescoço.

Ele me lembra Dean, o irmão mais velho de minha colega de república Summer e um grande amigo (e antigo mentor). Dean era descaradamente tarado quando estudava na Briar. Não ligava a mínima que todo mundo soubesse que ele pegava geral. E nem por isso ficou com a reputação manchada, porque toda garota que o conhecia queria ir pra cama com ele. Mas só Allie, sua namorada, conseguiu roubar seu coração. Faz dois anos que eles moram juntos em Nova York.

Conor senta ao meu lado. Uns jogadores do quarto ano entram e sentam na última fila. “E aí?”, eles nos cumprimentam.

Respondemos com um aceno de cabeça.

Matt Anderson é quem entra em seguida. Com a saída de Fitz e Hollis, acho que Matty é meu melhor amigo no time agora. É o único

negro do elenco, foi draftado para jogar em Los Angeles no ano passado. Espero que feche contrato com eles, porque é um bom time pra jogar.

“Oi”, diz Matt.

A sala começa a encher. Temos uns vinte e pouco titulares, e os outros jogadores são banco e caras que ainda precisam treinar muito. E, apesar de Mike Hollis já ter se formado, todo time sempre tem o seu Hollis. O idiota de quem todo mundo gosta, como diz Brenna. Essa honra neste ano é de um aluno do segundo ano chamado Aaron, mas que todo mundo só chama de Bucky, porque ele parece o personagem dos filmes da Marvel.

Bucky odeia o apelido, mas o problema com esse negócio de apelido é que eles pegam — querendo ou não. Basta perguntar ao nosso ala esquerdo, aluno do último ano, Treeface, que às vezes a gente chama só de Tree ou T, e que uma vez há quatro anos ficou bêbado e ficou se lamentando como é triste o fato de as árvores não terem cara e não poderem ver os passarinhos que fazem ninho nelas. Tenho quase certeza de que foi John Logan que botou o apelido nele.

Comendo um bolinho integral que provavelmente pegou na cozinha do time, Bucky se aproxima da primeira fila. “Falou com o treinador?”, pergunta, enquanto mastiga com a boca aberta.

Me faço de bobo. “Falar o quê?”

“Do porco, cara.”

“O porco”, repete Jesse Wilkes, um aluno do terceiro ano. Ele estava no telefone, mas agora está prestando atenção na nossa conversa.

Merda. Estava torcendo para o assunto ser esquecido.

“Não, ainda não.” *E não pretendo fazer isso*, quero acrescentar, mas ainda não encontrei uma maneira de me livrar dessa.

Os caras estão insistindo que precisamos de um mascote para o time, embora eu pessoalmente não veja motivo pra isso. Quer dizer, se a gente fosse capaz de amarrar um par de patins num urso-polar e botar o bicho pra dar umas piruetas no gelo entre um período e outro do jogo, então beleza. Manda ver.

Fora isso, quem se importa?

O treinador chega e me poupa de ter que dar atenção ao pedido dos meus colegas de time. Ele entra e bate palmas escandalosamente. “Não vamos perder tempo”, ruge. “Olhos na tela.”

Chad Jensen é do tipo durão — não mede palavras nem faz nossas vontades. Quando estamos na arena, temos que nos dedicar ao máximo ou cair fora.

“Prestem atenção em Kriska nesta primeira jogada”, avisa nosso treinador assim que um vídeo em alta definição aparece no telão. Sentado à sua mesa, ele usa uma caneta eletrônica para circular o goleiro do Eastwood, Johan Kriska.

Parece que o tal calouro é um dos melhores goleiros do hóquei universitário na Costa Leste. Andei estudando os poucos jogos do time dele da época de colégio que passaram na televisão, e também todos os amistosos que o Eastwood jogou este ano. Preciso estar preparado para enfrentar o garoto. Não quero contar vantagem, não, mas sou o melhor atacante do time. E, sem dúvida, a julgar pelos números da última temporada, o que mais participou de jogadas que terminaram em gol. Nate e eu empatamos em número de gols, mas eu fiz várias assistências para o meu ex-capitão. Acho que esse é

outro requisito para ser capitão: *não fique com toda a glória só pra você.*